



VELADA DE ARMAS

Jerusalém, 2010

Peregrinação da Lugar-Tenência de Portugal à Terra Santa

Concatedral do Patriarcado Latino, Jerusalém,

4 de Outubro de 2010

Cav. Padre Gonçalo Portocarrero de Almada

Revmo Cerimoniário Eclesiástico da O.C.S.S.J.

VELADA DE ARMAS

1. Introdução. Com esta solene vigília de oração, para os candidatos a Cavaleiros e Damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém culmina o itinerário iniciado no momento em que foi aceite, pelos órgãos competentes, o seu pedido de admissão. Esta velada de armas, de tantas ressonâncias históricas nas Ordens de Cavalaria e, em especial, na nossa Ordem, evoca o momento singular em que os futuros Cavaleiros e Damas, já instruídos sobre as exigências decorrentes do seu ingresso nesta Ordem pontifícia, se comprometem formalmente, perante a Igreja e o seu respectivo Lugar-Tenente, à observância da doutrina da Igreja e ao cumprimento das obrigações próprias desta santa milícia.

O facto desta etapa final ocorrer no âmbito de uma muito significativa peregrinação à Terra Santa, onde serão também investidos como Cavaleiros e Damas, tem uma especial importância e um muito particular significado. De certo modo, o caminho geograficamente percorrido até este santo lugar, é expressão exterior de um itinerário interior percorrido pelos candidatos ao longo deste tempo de mais activa preparação. A peregrinação externa realiza fisicamente a mudança que, em termos espirituais, os futuros membros da Ordem são chamados a efectuar interiormente, pelos caminhos sempre fecundos, mas por vezes árduos, da oração perseverante, da generosa expiação, da esmola sacrificada e da obediência rendida ao magistério da Igreja e às legítimas autoridades da nossa Ordem.

Em vão teriam vindo ao Santo Sepulcro se esta sua presença, aqui e agora, não significasse também uma firme determinação de santidade pessoal e de apostolado eclesial, no contexto da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro. Esta hora é, portanto, de conversão, não apenas para os que agora iniciam uma nova etapa das suas vidas cristãs por força do vínculo que vão contrair no momento da sua solene investidura, mas também de todos os Cavaleiros e Damas, igualmente chamados a essa profunda renovação interior a que o Senhor morto e ressuscitado insistentemente nos chama.

Ainda uma nota introdutória, apenas para sublinhar que não é por acaso que esta velada de armas é uma vigília de oração. De modo semelhante a como Nosso Senhor, antes de iniciar o mistério da sua paixão e Morte na Cruz, se recolheu em

oração no horto das Oliveiras, também nós somos chamados a preparar a nossa alma para esse mais exigente seguimento de Cristo através desta mesma prática piedosa. Talvez não seja descabido atribuir a esse tempo de íntimo diálogo com o seu Pai do Céu e de filial abandono na sua santíssima Vontade, a razão da impressionante fortaleza de que Nosso Senhor dará prova ao longo da via sacra. Como também não será exagerado considerar que a falta de oração dos seus apóstolos, naquela hora mais dispostos a descansar o corpo do que a preparar a alma para os iminentes combates, foi a causa próxima da sua desastrosa infidelidade ao Mestre que, no entanto, tinham jurado defender, até com a própria vida se necessário fosse. É certo que a generalizada traição dos discípulos não releva nos Doze, exceptuando Judas, uma premeditada infidelidade, mas a fraqueza da nossa vontade quando não fortalecida com a graça de Deus, que só os sacramentos e a oração nos podem proporcionar. Por isso, não basta que os novos candidatos queiram verdadeiramente honrar os seus compromissos como filhos da Igreja e membros da nossa Ordem, é preciso que queiram também recorrer aos meios sobrenaturais sem os quais esse seu santo propósito não seria exequível.

Nossa Senhora da Palestina, nossa Rainha e Padroeira, é magnífico exemplo da piedade que, por ser autêntica e sacrificada, traduz-se sempre em obras de fidelidade e de apostolado. Porque Maria ouvia atentamente a palavra de Deus, meditando-a no seu coração, foi capaz de permanecer de pé, junto da Cruz de Jesus.

2. O caminho da Cruz. *«Quando chegou o meio-dia, houve trevas sobre toda a terra até às três horas da tarde. E às três horas da tarde, Jesus exclamou com voz forte: 'Eloí, Eloí, lama sabachtáni?', que quer dizer: 'Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?'».*

O impressionante relato da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, que tivemos ocasião de escutar nesta liturgia da palavra, permite-nos contemplar todo o seu sofrimento, que não foi apenas físico, mas sobretudo moral, como aquela sua oração ao Pai tão dramaticamente manifesta: *«Jesus exclamou com voz forte: 'Eloí, Eloí, lama sabachtáni?', que quer dizer: 'Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?'».*

Não podemos olhar para Cristo na Cruz com a indiferença de um mero espectador, nem tão pouco como quem se limita a contemplar e a aplaudir esse *«maior amor»*, mas com a firme disposição de quem sabe que esse é o caminho que está

chamado também a percorrer, porque o discípulo não é mais do que o Mestre. Essa é a Cabeça de que somos membros, no Corpo místico que é a Igreja. E é essa Paixão a que somos também chamados a dar continuidade para que também nós, como Paulo Tarso, completemos no nosso corpo o que falta à Paixão de Cristo pela salvação do mundo.

São Lucas, nos últimos versículos do capítulo nono do seu Evangelho, relata três casos de pessoas anónimas que, de algum modo, pretendem vincular-se a Jesus. O primeiro, um homem, intercepta Nosso Senhor e manifesta-lhe a sua disponibilidade para O seguir para onde quer que Ele vá. A resposta do Mestre é ilustrativa da sua absoluta pobreza: *«As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça»*.

O segundo, a quem Jesus toma a iniciativa de chamar para o Seu seguimento, contrapõe à exigência da missão a urgência de uma piedosa obrigação, qual era a de dar sepultura a seu pai. Contudo, o Mestre diz-lhe: *«Deixa que os mortos sepultem os seus mortos, mas tu vai anunciar o Reino de Deus»*. Deste modo, o Senhor expressou um outro conselho evangélico, imprescindível para o apostolado: o compromisso da mais rendida e imediata obediência.

Por último, o terceiro, disse-Lhe: *«Senhor, seguir-Te-ei, mas permite que vá primeiro dizer adeus aos da minha casa»*. Respondeu-lhe Jesus: *«Ninguém que depois de ter metido a mão no arado, olha para trás, é apto para o Reino de Deus»*. Embora santo o afecto que este terceiro homem nutre pela sua família, o Senhor pediu-lhe um coração desprendido de todos os laços terrenos, numa clara alusão à virtude da castidade, também necessária para o discipulado.

É sabido dos candidatos a natureza inicialmente religiosa dos primitivos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro, que eram monges guerreiros, na medida em que aliavam à sua missão bélica a profissão dos conselhos evangélicos, que é própria e específica da consagração religiosa. Se é verdade que hoje, do mesmo modo como a Ordem já não defende a Terra Santa com armas na mão, também a quase totalidade dos seus membros não são frades nem freiras, mas leigos que procuram viver, no meio do mundo, a radicalidade do Evangelho. Quer isto dizer que, certamente não estão obrigados à prática da pobreza, da obediência e da pureza segundo a modalidade das regras monásticas, mas estão obviamente obrigados, em consciência, à observância

heróica destas virtudes, segundo o seu próprio estado. Ou seja, a natureza eminentemente laical e secular da nossa Ordem não pode ser interpretada como uma forma relaxada ou mitigada da sua primitiva regra, em cujo caso ficaria seriamente comprometida a sua eficácia, mas como uma nova modalidade de viver, com o mesmo rigor, o chamamento à perfeição da caridade. Não se trata portanto de rebaixar o nível espiritual e apostólico dos membros da Ordem ao mínimo denominador comum dos cristãos correntes, que se contentam porventura com a mera abstinência do pecado, mas elevar a sua vida cristã até aos cumes dos grandes contemplativos e dos grandes evangelizadores, de acordo com a sua condição e estado. Um Cavaleiro ou Dama da Ordem do Santo Sepulcro que declinasse um tal chamamento ou se contentasse com uma prática cristã reduzida à mais básica rotina dos deveres dos fiéis da Igreja Católica, certamente ter-se-ia enganado ao inscrever-se nesta instituição, que não é cómoda aposentadoria para quem procura vaidades e facilidades, mas inóspito quartel de guerreiros, de homens e mulheres que, não obstante a consciência da sua própria miséria pessoal, se empenham a seguir Cristo pelo caminho íngreme e estreito da santidade.

3. Exemplos de santidade no meio do mundo. O relato evangélico há momentos proclamado chama a nossa atenção para uma muito particular personagem evangélica: *«Ao cair da tarde, visto ser a Preparação, isto é, a véspera do sábado, José de Arimateia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o reino de Deus, foi corajosamente à presença de Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus».*

Pouco sabemos desta figura secundária, mas não por isso menos digna e santa que, muito embora a liturgia cristã nunca tenha formalmente incluído no cânone dos bem-aventurados, certamente entre eles se encontra. Não fazia parte daquele grupo mais restrito dos doze apóstolos, nem consta que fosse um dos mais de setenta discípulos que, numa ocasião, Nosso Senhor enviou em missão (cfr Lc. 10, 1-11). Tudo leva a crer também que, pela sua elevada condição social, José de Arimateia, ilustre membro do Conselho, só muito dificilmente poderia emparceirar com os pescadores e artesãos que tinham seguido o Mestre e com Ele conviviam habitualmente. Contudo, não restam dúvidas quanto à sinceridade da sua conversão cristã, nem quanto à sua lealdade para com o Senhor: com efeito, ele também era dos que esperavam o reino de Deus e, quando todos abandonaram o divino Crucificado, foi ele quem *«corajosamente»*, pediu a Pilatos o Corpo de Jesus.

Caríssimos impetrantes da graça de Cavaleiros da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém: nestes tempos de traições e de cobardes abandonos, sois também chamados a fazer vossa a exemplar conduta deste nosso irmão na fé, que quase me atreveria a considerar como nosso protótipo e primeiro confrade, no esteio de inspirada intuição do nosso Lugar-Tenente. Na realidade, este pré-Cavaleiro da nossa Ordem deu prova de uma heróica fidelidade a Cristo em momentos de generalizada deserção, não teve qualquer receio em comprometer o seu prestígio social ou profissional quando abertamente se afirmou, sem respeitos humanos, seguidor de Jesus de Nazaré, teve o arrojo de valorosamente reclamar o Corpo do Senhor diante daquele mesmo governador que o tinha, poucas horas antes, condenado à morte e, por isso, o poderia prender como seu manifesto cúmplice. E, por último, deu o seu sepulcro novo, em que ainda nenhum cadáver fora até então depositado, para que nele descansasse o Corpo de Cristo, que aí conheceu também a sua gloriosa ressurreição.

Os Cavaleiros do Santo Sepulcro, no seguimento de José de Arimateia, estão também chamados a dar testemunho de Cristo em todas as encruzilhadas da vida moderna, mais pela vida e pelas obras do que pelas palavras, mas também com a afirmação destemida da sua fé, quando necessário for defender publicamente o santo nome de Deus, a divindade de Cristo Nosso Senhor, a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria e outras prerrogativas de Nossa Senhora da Palestina, a honra dos Anjos e Santos, a natureza sobrenatural da Santa Igreja, das suas instituições e do seu magistério, a pessoa e ensinamentos do nosso queridíssimo Papa e de todos os nossos pastores. Como os Cavaleiros de outros tempos e eras, obrigam-se especialmente a defenderem os indigentes, nos quais estão obrigados, pela sua fé, a reconhecer o próprio Senhor Jesus que, sendo rico, fez-se pobre, para que fossemos ricos na sua pobreza. Não são estes tempos de tibiezas ou de comodidades, mas de entrega e de luta pela verdade na caridade, segundo o conselho paulino.

4. O exemplo das santas mulheres. *«No primeiro dia da semana, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol».* Junto a José de Arimateia e a Nicodemos, que poderia igualmente ser considerado como uma primícia da Ordem do Santo Sepulcro, os Santos Evangelhos

referem a presença de um pequeno grupo de santas mulheres, que identifica como sendo Maria de Magdala, a mãe de Tiago e Salomé.

Não é inédita a referência a um conjunto de seguidoras de Jesus, pois São Lucas, depois de se ter referido à escolha dos apóstolos (cfr. Lc 6, 12-16), relata a existência de umas quantas mulheres que, com igual devoção, mas não com a mesma condição, seguiam também o Mestre. O facto de o evangelista registar que *«andavam com ele os doze e algumas mulheres que tinham sido livradas de espiritos malignos e de doenças»* (Lc 8, 2), parece estabelecer uma certa analogia entre estes dois segmentos de discípulos que, não obstante a sua comum dedicação ao Mestre, não se confundem nem intersectam. Eles e elas partilham a mesma fé e vivem também uma total entrega pessoal, mas os ministérios dados aos varões, nomeadamente os decorrentes da ordenação sacerdotal, não são extensivos às discípulas de Jesus, para as quais Ele reservou outras tarefas de não menos importância.

Com efeito, este grupo de piedosas damas que acompanhavam de forma habitual Nosso Senhor e os seus apóstolos, *«serviam com os seus bens»* (cfr. Lc 8, 3), atitude que porventura não deve ser interpretada apenas no seu sentido literal, em cujo caso não faria sentido que andassem com eles, mas que significaria um efectivo serviço de assistência habitual, imprescindível para o bom funcionamento daquela sui generis família espiritual.

É ainda de sublinhar, para além desta disponibilidade e generosa contribuição feminina, o facto de, entre estas seguidoras de Nosso Senhor, se encontrar *«Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes»* (Lc 8, 3), bem como pelo menos uma mulher casada, como era a mãe de Tiago. Pode-se assim supor que este grupo não era propriamente assimilável a uma comunidade de religiosas consagradas, porque a estas é própria, como é sabido, a virgindade, que contradiz a condição de mãe de uma das habituais acompanhantes de Nosso Senhor. Por outro lado, o facto da mulher do procurador do Rei Herodes ser uma das senhoras que seguia de forma habitual o Mestre, permite afirmar que também pessoas da mais elevada condição social faziam parte deste séquito feminino de Jesus.

Se se tiver em conta que a condição laical e secular, matrimonial e familiar, bem como um certo prestígio social são também apanágio das Damas da nossa Ordem, não será insensato considerar que aquelas santas mulheres que tiveram a graça e a imerecida honra de seguirem Cristo e de O acompanharem muito especialmente na sua Paixão, Morte e Ressurreição, foram também, a seu modo, as pioneiras das Damas desta nossa Ordem de Cavalaria.

Caríssimas impetrantes da graça de Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém: nesta vigília de oração, que antecede a vossa admissão nesta instituição pontifícia, pedi ao Senhor, que vos chamou para este serviço eclesial, que vos dote daquela mesma disponibilidade e generoso desprendimento de que deram tão bom exemplo aquelas vossas evangélicas antecessoras, senão nesta milícia, da qual formalmente não fizeram parte, muito embora já vivessem o seu espírito, decerto no abnegado serviço a Deus e à sua Igreja. Espera-se das candidatas – espera o Senhor de cada uma de vós! – esse mesmo propósito de entrega pessoal, vivida nas circunstâncias próprias dos vossos deveres familiares e sociais e, por isso, no meio do mundo, mas sempre em sintonia com as exigências da santidade e do apostolado cristão.

5. Conclusão. É dever das autoridades da Ordem do Santo Sepulcro esclarecer os postulantes sobre a importância e a gravidade do compromisso que assumem, diante de Deus e da sua Igreja, ao serem admitidos como Cavaleiros e Damas.

A Lugar-Tenência de Portugal não poupou esforços na realização de acções de formação espiritual e doutrinal, ao longo do tempo da preparação dos candidatos, através de entrevistas pessoais com os membros do respectivo Conselho, de aulas específicas de formação no espírito e história da nossa Ordem, de palestras de carácter cultural sobre a Terra Santa e as circunstâncias em que hoje se devem defender os Santos Lugares, de celebrações mensais da Eucaristia, bem como de outras Missas por ocasião das principais festividades do nosso calendário litúrgico específico e, ainda da realização anual de um retiro espiritual, especialmente vocacionado para todos os Cavaleiros e Damas que sentem a necessidade de aprofundar a sua fé e a sua vida de oração, mas também para quantos desejam pertencer à Ordem e são cientes de que, só na graça de Deus, podem realizar esse seu louvável desejo.

Concluído este exigente percurso formativo, é legítimo afirmar, sem jactância, que foram empregues todos os instrumentos disponíveis para o cabal esclarecimento dos candidatos que, na medida em que souberam aproveitar os meios que foram postos à sua disposição, estão agora aptos para o exercício dos deveres e obrigações inerentes à condição de membros desta milícia cristã.

Antes de dar por concluída esta última alocução, permitam-me que evoque uma personagem histórica que também esteve nestas paragens. Refiro-me a Alexandre, o Grande. Depois de estabelecido o seu extensíssimo império, o augusto filho de Filipe da Macedónia decidiu repartir entre os seus herdeiros, generais e cortesãos a totalidade dos seus imensos territórios, sem nada se reservar para si mesmo. Ao aperceberem-se do facto, inquiriram-no sobre o significado de tão estranho procedimento. Foi então que Alexandre, fazendo jus ao seu cognome, disse:

- Para mim, fica a esperança!

Se é verdade que o fio condutor deste tempo de formação para a já iminente investidura foi, como não podia deixar de ser, a grandeza e a exigência da vocação cristã tal como deve ser vivida, sem excepção, pelos Cavaleiros e Damas da nossa Ordem, legítimo é que se acrescente agora uma palavra de ânimo, na certeza de que, se a nossa correspondência for autêntica e generosa, Nosso Senhor não deixará de retribuir, com divina magnanimidade, o nosso humilde serviço.

Os apóstolos, desalentados pelas severas palavras de Jesus sobre a dificuldade da salvação, perguntaram a Jesus, por intermédio de Simão Pedro, o que seria deles, que tudo tinham deixado para O seguirem. A resposta do Mestre não tardou: *«Ninguém há que tenha deixado a casa, os irmãos, as irmãs, o pai, a mãe, os filhos ou as terras, por causa de Mim e do Evangelho, que não receba cem vezes mais nesta vida, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, juntamente com as perseguições, e no tempo futuro a vida eterna»* (Mc 10, 29-30).

Caríssimos impetrantes: mais do que fazer contas ao que o Senhor nos pede, centremos a nossa mente e o nosso coração na imensidão do seu dom, da sua infinita graça e, sobretudo, do seu incomensurável amor por cada um de nós. Mais do que as cem vezes mais casas, ou terras, ou irmãos e irmãs, anime-nos sempre a certeza deste tão grande amor que, mesmo em tempo de perseguições, fará de nós, se a Ele

correspondermos, os seres humanos mais felizes do mundo. E, mais ainda do que a sempre caduca felicidade desta vida, tenhamos por certo que, se perseverarmos até ao fim nestes santos propósitos, alcançaremos a meta da nossa fé, que é a salvação das nossas almas, e ser-nos-á dada, para todo o sempre, «*uma alegria inefável e cheia de glória* » (1Pd 1, 9).

Que o Pai do Céu, por Jesus Cristo Nosso Senhor, nos conceda o dom do Espírito Santo e a graça de uma correspondência fiel ao Seu chamamento para a santidade e para o apostolado, como Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém! Que Nossa Senhora da Palestina nos ampare e defenda agora e sempre. *Ámen.*